

# A INTELIGÊNCIA DIALÉTICA NO SERMÃO DO MANDATO

Audemaro Taranto Goulart\*

## RESUMO

Este estudo procura analisar um dos mais famosos Sermões do Padre António Vieira, nomeado “Sermão do Mandato”. A análise do texto atua no sentido de identificar e discutir a influência dos princípios dialéticos na estrutura da obra, procurando enfatizar a tese, a antítese e a síntese que nela aparecem.

Este trabalho – síntese de um outro mais alentado, em que se caracteriza a inteligência dialética nos sermões do Padre António Vieira – vai-se ocupar apenas do “Sermão do Mandato”, procurando descobrir nele os princípios da dialética enquanto forma estruturadora do raciocínio do grande jesuíta.

Hernani Cidade já havia chamado a atenção para o fato de que o estilo barroco, ao qual Vieira estava ligado, ajustava-se com perfeição aos jogos de palavras e de raciocínios que eram tão ao gosto do jesuíta. Diz aquele estudioso que

*a lógica da Escola [barroca] habilitava como nenhuma outra para estes jogos florais de inteligência dialética. Criar, em frente ao público, dificuldades na interpretação ou na aplicação do texto sagrado, e resolvê-las pela sutileza dialética, emprestando a bem humanas sugestões, comentários, lisonjas, tanto como a nobres verdades, o apoio, fictício mas tão prestigioso da palavra divina... (Hernani, 1968, p. 463)*

Afinal, o público a que se dirigia a palavra de Vieira deleitava-se exatamente com uma certa pirotecnia verbal, apreciando, sobretudo, a engenhosidade com que o orador ia desafiando seus conceitos, resolvendo as dificuldades criadas pelo raciocínio, até alcançar aquele momento glorioso da síntese final, em que brilhava a sua inteligência. A tal ponto chegou a sedução dos que ouviam os sermões que o próprio Vieira – sem muita razão, como se verá – fez críticas severas àqueles que pensavam envolver os ouvintes com um estilo ousado. No “Sermão da Sexagésima”,

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ele investe contra o estilo dos pregadores, dizendo

*Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados;* (Vieira, 1957, p. 112)

Como que questionando os modismos dos que se supunham atualizados e, por isso mesmo, faziam brilhar os torneios verbais próprios da Escola da época, Vieira atacava, afirmando que

*esse estilo de pregar, não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. É possível que somos portugueses, e havemos de ouvir um pregador em português, e não havemos de entender o que diz?* (Vieira, 1957, p. 114)

Na verdade, o barroco conceptista de Vieira chega, em muitos momentos, a exigir do leitor como, certamente, exigiria do ouvinte — uma atenção redobrada para entender o que se está dizendo, o que coloca a questão de que a crítica vieiriana, com toda a certeza, poderia se voltar contra o próprio jesuíta.

Mas isso, evidentemente, não pode, de forma alguma, deslustrar o magnífico engenho da obra de Vieira. Afinal, como homem de seu tempo, ele não poderia deixar de sofrer as influências que a cultura, com seus vigorosos traços, impunha a todos. De qualquer forma, ainda que difíceis ao entendimento do leitor contemporâneo, os sermões de Vieira são uma preciosidade que precisa ser estudada com o vagar e a atenção que eles exigem. Os resultados advindos dessa leitura reflexiva são absolutamente positivos.

Como se pretende determinar a incidência da dialética no texto vieiriano, será produtivo que, antes, se faça dela uma ligeira caracterização da dialética.

## DESENVOLVIMENTO

### O princípio da dialética

Fundamentalmente, *dialética* representa a idéia de dualidade, oposição de razões ou teses. Portanto, a condição básica da dialética deve ser reconhecida no princípio da oposição, da antítese e da contradição.

Melhor que qualquer tentativa de definição é observar como a palavra dialética foi considerada ao longo da história, adquirindo, em alguns momentos, sentidos e compreensões diferentes. Todavia, mesmo assim, é possível reconhecer colocações que acabam por conceituar a dialética de modo claro e incontroverso.

Desse modo, pode-se dizer que a tradição reconhece Heráclito de Éfeso

como o primeiro filósofo a enunciar as condições do raciocínio dialético, uma vez que, dentre os aspectos fundamentais de sua doutrina, destaca-se a idéia de que todas as coisas estão em movimento e de que o movimento processa-se através de contrários.<sup>1</sup> É por isso que se pode ver, no fragmento 88, que a contradição é considerada a essência mesma do vir-a-ser: “Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente”.

O primeiro grande nome, na história da filosofia, a conferir um caráter revolucionário à dialética foi Hegel. Para ele, concordando com Heráclito, o ser e o não-ser são meras abstrações, razão por que o vir-a-ser constitui o que é efetivamente verdadeiro. Desse modo, o princípio fundamental não pode ser o da identidade (o ser é o ser) mas sim o da contradição (o ser é o não-ser). Para Hegel, tanto o ser quanto o não-ser ligam-se a determinações opostas. Pelo fato mesmo de uma das determinações estar contida na outra é que Hegel afirma que a razão não consegue pensá-las isoladamente. É daí que se deduz a natureza do Todo, do Absoluto, somente pensáveis como vir-a-ser, como devenir. Nas palavras de Hegel, “chamamos dialética ao movimento racional superior, graças ao qual os termos, na aparência separados, passam uns nos outros, espontaneamente, em virtude daquilo que são, a hipótese de sua separação achando-se assim eliminada. É em virtude da natureza dialética que lhes é imanente, que o ser e o nada manifestam sua unidade e sua verdade no vir-a-ser (devenir)”.

A partir disso pode-se concluir que a dialética é uma instância que considera a contradição e o movimento como estruturas do real. Assim, a negação é algo que está implícito em todo ser, pois, “é apenas enquanto encerra uma contradição que uma coisa é capaz de movimento, de atividade, de manifestar tendências e impulsos”.

A dialética é, pois, a estrutura do real que, entendido como processo, envolve três momentos: o da identidade, da tese, do ser em-si, do dado (natureza); o da contradição, ou negação, antítese, ser para-si (ação, trabalho); o da positividade, negação da negação, ser em-si e para-si, totalidade, síntese (obra, história).

## O SERMÃO DO MANDATO

O “Sermão do Mandato” de que vamos nos ocupar é um dos mais conhecidos e apreciados da obra de António Vieira. Eugênio Gomes informa que com esse mesmo título Vieira produziu seis sermões, o primeiro pregado em Lisboa, em 1643,

<sup>1</sup> Confira-se o teor dos seguintes raciocínios: *Sobre a idéia de movimento*: “Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas”(12). “Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos”(49<sup>a</sup>). “Entre nós, manifesta-se sempre uma e mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente”(88). *Sobre a idéia de contrários*: Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia”(8). “Não houvesse isto (a injustiça) ignorariam o próprio nome de justiça”(23). “Eles não compreendem como, separando-se, podem harmonizar-se: harmonia de forças contrárias, como o arco e a lira”. (51)

e o último em Roma, em 1670. É certo que as pregações desses sermões variavam, tendo em vista idéias e princípios que animavam cada um deles. Entretanto, o “Sermão do Mandato” que ficou definitivamente famoso foi o que Vieira pregou em 1650. Eugênio Gomes dá as razões para tal: “desculpando-se do paradoxo perante Santo Agostinho e os demais santos e doutores da Igreja, Vieira sustenta que “o morrer Cristo pelos homens não foi a maior fineza de seu amor: maior fineza foi Cristo o ausentar-se, que o morrer: logo a fineza de morrer não foi a maior das maiores”. (Gomes, 1957, p. 55)

Essas colocações levantaram críticas respeitadas porém incisivas da religiosa e poetisa mexicana Sórora Juana Inés de la Cruz, em 1690, críticas que acabaram tendo grande repercussão, principalmente nos meios religiosos. Talvez que o tema do amor, que Vieira explorou com sofisticação nos seus “Sermões do Mandato”, tenha favorecido os arroubos de raciocínio do pregador, o que terminou por chocar a religiosa mexicana.

Embora mais sofisticado nos seus argumentos e no desenvolvimento de seus raciocínios, o “Sermão do Mandato” pode ser flagrado, enquanto manifestação da dialética, de modo mais objetivo. Isso porque os três momentos em que se desenvolve o jogo dialético - a identidade (tese), a contradição (antítese) e a positividade (síntese) - são focalizados logo no início do sermão, o que leva o pregador a reforçar o perfil desses elementos e voltar a eles ao longo de todo o texto. E essa repetição, sem dúvida, tem o efeito positivo de aclarar o raciocínio, evitando, inclusive, a instalação de ambigüidades que poderiam comprometer a justeza dos argumentos.

Também é de se considerar que a esse sermão aplicam-se muito bem as instâncias da dialética hegeliana. Agora, já não se tem uma situação concreta, como a do “Sermão pelo Bom Sucesso”. O tema do amor, abordado no “Sermão do Mandato”, ajusta-se bem ao caráter idealista, próprio da idéia de amor que Vieira quer mostrar em Cristo.

Passemos, pois, ao estudo dessa peça preciosa de Vieira.

O sermão inicia-se com a citação do capítulo 13, versículo 1, do Evangelho de S. João: “Sabendo Jesus chegada a sua hora de passar deste Mundo para o Pai, como tivesse amado os seus que estavam no Mundo, até o fim os amou”.

Considerando a passagem indicada, Vieira repara que ela aponta duas intenções: uma, da parte do Evangelista, que foi a de mostrar a ciência de Cristo e, outra, da parte de Cristo, que foi mostrar a ignorância dos homens. A ciência de Cristo evidencia-se no próprio fato de que Ele sabia que era chegado o momento de voltar ao Mundo do Pai; sabia que viera de Deus e que para Deus retornava; sabia que, entre os doze que tinha a sua mesa, um o trairia e o entregaria a seus inimigos. Vê-se que todas as indicações funcionam na direção de deixar clara a ciência de Cristo, isto é, o seu saber.

Em seguida a tais considerações, Vieira chama a atenção para o modo como Cristo vai mostrar a ignorância dos homens. O episódio evocado para mostrar isso é

a célebre passagem do “Lava-pés”, em que Pedro, de certa forma, resiste à intenção de Cristo, de lavar-lhe os pés. Diante disso, Cristo afirma: “O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois”. Assim que terminou “o exemplo de humildade”, Cristo volta-se para os Discípulos, dizendo-lhes: “Entendeis o que vos tenho feito?”. Vieira observa que este “entendeis” (ou “sabeis”) soa como se Cristo dissesse que os Discípulos *não* sabiam o que fora feito. Assim, “na primeira parte do Evangelho o Evangelista atendeu a mostrar a sabedoria de Cristo, e Cristo na segunda, a mostrar a ignorância dos homens”.

O princípio que estrutura essa dimensão do texto relaciona-se com a intenção de mostrar a grande fineza do amor de Cristo. E tal fineza explicita-se a partir da ciência com que Cristo agia e da ignorância com que os homens se colocavam nesse relacionamento. Desdobrando o raciocínio com sua habitual sutileza, Vieira afirma:

*Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação dele pretendo mostrar, hoje, que só Cristo amou finamente, porque amou sabendo: Sciens; e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando: Nescis; unindo-se, porém, e trocando-se de tal sorte o sciens com o nescis e o nescis com o sciens, que estando a ignorância da parte dos homens e a ciência da parte de Cristo, Cristo amou, sabendo, como se amara, ignorando; e os homens foram amados, ignorando, como se foram amados, sabendo. Vá agora o amor distorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza deles. (Vieira, 1957, p. 58)*

Aí está enunciada, de modo claro, a tese que o pregador vai defender: “Só Cristo amou finamente, porque amou sabendo e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando”.

A partir de então, Vieira prepara a apresentação da antítese. Para tanto, o pregador trabalha as noções de conhecimento e de ignorância no amor, mostrando que, embora pareça fineza, o sentimento fundado na ignorância não é amor, enquanto o que não parece amor, por estar fundado na ciência é grande fineza. A comprovação Vieira oferece com o Evangelho de S. Mateus, na passagem em que Cristo se transfigurou no Monte Tabor. Ali, percebendo que seu Senhor tratava com Moisés e Elias em ir a Jerusalém, onde morreria, Pedro intervém, dizendo: “Senhor, é bom ficarmos aqui”.

Para Vieira, essa disposição de Pedro, como a considerou Orígenes,

*foi o maior ato de amor que se fez, nem pode fazer no Mundo, porque se Cristo não ia morrer a Jerusalém, não se remia o gênero humano: se não se remia o gênero humano, S. Pedro não podia ir ao Céu; e que quisesse o grande Apóstolo privar-se da glória do Céu, porque Cristo não morresse na Terra; que antepusesse a vida temporal de seu Senhor à vida eterna sua, foi a maior fineza de amor a que podia aspirar o coração mais alentado. (Vieira, 1957, p. 60)*

Como se vê, na passagem, o sentimento de Pedro parece o mais absoluto ato de amor, a maior fineza. Afinal, ele estaria renunciando à sua própria salvação -

já que não se remia o gênero humano - pela salvação de seu Senhor. E o mais impressionante é que a troca que se fazia era entre a vida eterna de Pedro e a vida humana, transitória, de Cristo. Isso é, pois, um finíssimo ato de amor.

Os aspectos indicados evidenciam uma parte da antítese. Afinal, o sentimento de Pedro parece fundado em grande fineza, demonstrando um grande amor. Dessa forma pode-se pensar que os homens não foram amados ignorando, mas amaram efetivamente, como provam os cuidados de Pedro em relação a Cristo.

Complementando esse raciocínio, Vieira recorre a S. João, no capítulo 19, versículo 28, de seu Evangelho, em que se alude à passagem em que Cristo, na cruz, diz “tenho sede”. O pregador chama a atenção para o fato de que Cristo estaria pedindo a minoração de seu sofrimento, quando disse estar sedento. E quem

*diz a vozes o que padece, ou busca o alívio na comunicação ou espera o remédio no socorro; e é certo que não ama muito a sua dor, quem a deseja diminuída ou aliviada. Quem pede remédio ao que padece, não quer padecer; não querer padecer, não é amar: logo, não foi ato de amor em Cristo dizer: Sitio: “Tenho sede”. (Vieira, 1957, p. 60)*

Nessas condições, já é possível formular a antítese:

*Pedro, representando os homens, efetivamente amou, porque renunciou à própria salvação em nome da salvação de Cristo; já Cristo buscou aliviar-se da dor que se propusera ter pela salvação dos homens, o que revela sua falta de amor.*

Isso posto, Vieira parte para o momento decisivo do raciocínio dialético, ou seja, o momento em que se vai apresentar a negação da negação, o que caracteriza a síntese. E Vieira o faz, valendo-se, novamente, de dois evangelistas: S. João e S. Lucas. Em S. João, articula-se o raciocínio com um *sciens* e em S. Lucas com um *nesciens*.

Assim, “o que em S. Pedro parecia fineza, não era amor, porque estava fundado em ignorância: *Nesciens quid diceret*”. É o que se verifica em Lucas, capítulo 9, versículo 33: “E aconteceu que, quando aqueles se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias; não sabendo o que dizia”. Está caracterizado, desse modo, o “não saber”, pois, quando disse a Cristo para não ir morrer em Jerusalém, Pedro estava transtornado e inteiramente fora de si.

De outro lado, o “saber” de Cristo é mostrado em João, capítulo 19, versículo 28: “Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse. Tenho sede”. Conforme diz Vieira,

*se Cristo dissera – Tenho sede –, cuidando que lhe haviam de dar água, era pedir alívio; mas dizer – Tenho sede –, sabendo que lhe haviam de dar fel, era pedir novo tormento. (...) Dizer Cristo que tinha sede, não foi solicitar remédio à necessidade própria; foi fazer lembrança à crueldade alheia. Como se dissera: Lembrai-vos, homens, do fel, que vos esquece: Sitio.*

Assim, chega-se ao final do raciocínio. O que parecia fineza – o sentimento de Pedro – por estar fundado em ignorância, não era amor, e o que não parecia amor – o sentimento de Cristo – por estar fundado no conhecimento, era o mais fino amor.

Caracteriza-se, então, a síntese, a negação da negação:

*O amor de Cristo é verdadeiro, porque se funda na ciência; o amor dos homens é aparente, porque se funda na ignorância. Assim, só Cristo amou finamente, porque amou sabendo e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando.*

Como se disse, a formulação dialética do raciocínio de Vieira, neste “Sermão do Mandato”, articula-se, desenvolve-se e fecha-se no primeiro e segundo capítulos. Isso significa que o leitor encontra os elementos estruturadores do sermão já no seu início, podendo, dessa forma, passar todo o restante, admirando o brilho do raciocínio do pregador, uma vez que, nas sete partes seguintes, Vieira retoma os mecanismos do raciocínio, reforçando-os e fazendo-os, cada vez mais intensamente, exibir a figura e a palavra gloriosa do Cristo.

Essa é, pois, uma ligeira amostra do jogo de inteligência dialética que perpassa os sermões de Vieira. Determinar, meticolosamente, todos os mecanismos que se fazem presentes nos seus meandros é tarefa que excede de muito as pretensões deste trabalho. De qualquer maneira, sugerir a efetiva gratificação que é passar pela obra do jesuíta, encontrando nela sutilezas como as que a dialética propicia, já terá sido o maior objetivo que este texto pode alcançar.

## ABSTRACT

This study aims at analysing one of Father Antônio Vieira's most famous sermons, entitled "Sermão do Mandato". The analysis of that text endeavours to identify and discuss the influence of dialectic principles on the structure of the work, in an attempt to emphasize its thesis, antithesis and synthesis.

### Referências bibliográficas

CIDADE, Hernani. *Lições de cultura e literatura portuguesas*. 5. ed. Coimbra: Coimbra, 1968. v. 1.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Vieira: sermões*. Estudo e notas de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 1957. Sermão da sexagésima, p. 112.